

XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

A cor da pele: significações constituídas nas relações.

Pedrosa Andriani, Ana Gabriela y Bustamante Smolka, Ana Luisa.

Cita:

Pedrosa Andriani, Ana Gabriela y Bustamante Smolka, Ana Luisa (2006). *A cor da pele: significações constituídas nas relações*. XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-039/233>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/e4go/Pvm>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A COR DA PELE: SIGNIFICAÇÕES CONSTITUÍDAS NAS RELAÇÕES

Pedrosa Andriani, Ana Gabriela; Bustamante Smolka, Ana Luisa
UNICAMP - Brasil

RESUMEN

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo realizado com um grupo de oito crianças que cursavam o quarto ano do ensino fundamental em uma escola pública situada na periferia da cidade de São Paulo - Brasil. Tal estudo teve como objetivo o entendimento dos modos como as crianças pensavam, sentiam, agiam e falavam frente/sobre a questão da cor da pele. A partir da composição do grupo, realizamos uma série de encontros e atividades durante um semestre letivo. Todas as atividades foram pensadas e propostas com as crianças e exploraram temas vividos por elas como revistas, músicas, teatro e dança. O material empírico foi organizado a partir das falas do grupo em "núcleos de significação", que funcionaram como "catalizadores" dos seus modos de significar e sentir. Tais núcleos referiram-se a momentos em que as crianças falavam sobre o racismo e a violência, vivência do corpo e (re)produção cultural/social, modos de participação do sujeito e relações de poder. A condução do estudo e a análise do material empírico foram fundamentadas na perspectiva Histórico-cultural do desenvolvimento humano o que possibilitou a interpretação de emoções, concepções, crenças, desejos e sentimentos presentes como vozes sociais e culturais nas falas do grupo.

Palabras clave

Cor da pele Significação Histórico-cultural

ABSTRACT

THE COLOR OF SKIN: SIGNIFYING CONSTITUTED IN THE RELATIONSHIPS

This work presents the results of a study done with a group of eight 4th grade children in an elementary public school of a suburban area of Sao Paulo (Brazil). The objective of that study was to understand how the children lived, felt, acted, thought and talked about the issue of color of skin. From the composition of a children's group, we preceded the realization of a series of meetings and activities throughout an entire semester. The developed activities were proposed and built with the children along the meetings, and explored themes emergent from their daily life as magazines, music, theatre and dance. The material was organized and configured in three main "signifying nucleus"- racism and violence; the body and it cultural (re)production; and the modes of participation of subjects and power relations. These "signifying nucleus" function as "catalyzing" children's meanings and feelings. To conduct the study, we searched for theoretical and methodological support on the historical-cultural perspective of the human development. Emotions, conceptions, beliefs, desires and feelings, could be made explicit as social and cultural voices became visible through our analyses.

Key words

Color of skin Signifying Historical-cultural

O trabalho aqui apresentado traz um recorte do estudo desenvolvido em minha dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Educação da Unicamp. Tal estudo foi realizado em uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo e teve como objetivo a tentativa de compreender o que um grupo de crianças pertencente a quarta série do ensino fundamental pensava, sentia e agia frente a questão da cor da pele. O ancoramento teórico da pesquisa, que fundamentou tanto os procedimentos de intervenção como as análises das falas das crianças, que serão aqui discutidas, encontram-se referenciados na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano.

O grupo que participou da pesquisa foi constituído por 8 crianças (sendo elas 4 negras, 1 mulata e 3 brancas) e a partir de sua composição, procedeu-se a realização de uma série de encontros, ao longo de um semestre letivo, que tinham como proposta a realização de atividades pensadas e construídas pela pesquisadora e crianças a partir das temáticas que eram vividas e experienciadas. Os passos seguintes da pesquisa sempre foram pensados, e decididos a partir da avaliação dos encontros vividos, ou seja, a partir das necessidades de aberturas de novos pontos de compreensão que foram constituídos nos próprios encontros.

As atividades realizadas, envolveram o trabalho com revistas de moda e de esporte, a confecção de cartazes, um concurso de dança, um desfile e a elaboração de uma peça de teatro. Dentre estas, escolhemos destacar aqui, momentos dos encontros em que o grupo trabalhou com as revistas, em que foram confeccionados cartazes e em que fizemos um desfile de moda. A decisão de colocar em destaque tais encontros, se deve ao fato de acreditarmos estes possibilitarem a explicitação de momentos em que as crianças problematizaram, em suas falas, as significações constituídas sobre a cor da pele, sobre seu corpo e o corpo do outro, sobre lugares e posicionamentos sociais vivenciados.

A primeira atividade a ser apresentada envolveu o trabalho com revistas e teve como objetivo disponibilizar às crianças um material que, como produto cultural, provocasse e possibilitasse a discussão de questões culturais, simbólicas, afetivas, etc. que marcassem a vivência do próprio corpo e ainda que permitissem a avaliação do corpo do outro. Sendo assim, elas foram levadas para que o grupo pudesse explorar e tematizar, de forma que, ao final do encontro, pudessemos construir cartazes ressaltando os pontos que mais os tivessem chamado a atenção.

Foram oferecidas ao grupo três revistas: *Raça*, *Marie Clair* e *Placar*. Em *Marie Clair* encontramos fotos de modelos predominantemente brancas, desfiles de moda, apresentação de cosméticos. etc.; já a revista *Raça*, além de permitir uma discussão sobre seu próprio nome, continha modelos negros em sua maioria. Em se tratando da revista *Placar*, esta foi escolhida por ter como tema principal o futebol e com isto possibilitar a discussão sobre um momento em que o negro é destacado socialmente.

A confecção de cartazes, por sua vez, teve como objetivo a discussão dos pontos que mais chamaram a atenção do grupo a partir dos temas levantados durante a manipulação das revistas. Ao final deste encontro, a partir do que foi tematizado, as crianças sugeriram fazermos um desfile de moda. Decidimos, então, realizar um desfile na semana seguinte.

Em se tratando do desfile de moda, este foi realizado em uma "passarela" construída em cima de mesas de cimento que havia em um pátio na escola. Sendo assim, cada uma das crianças desfilou em cima das mesas, enquanto as demais assistiam ao desfile, gritavam e batiam palmas. Tínhamos como materiais disponíveis para a caracterização das crianças batons, sombra, gel, elásticos, enfeites coloridos para cabelo, esmaltes e um espelho. Além disso, levamos cds e durante todo o tempo houve música. A pesquisadora havia levado várias tonalidades de batons e esmaltes (claros e escuros, sendo um deles preto - tanto batom como esmalte), gel e enfeites para cabelo. As crianças levaram maquiagem e faixas para cabelo.

Apresentadas as atividades escolhidas a serem postas em foco, a partir de agora ressaltaremos alguns dos momentos dos encontros em que tais atividades foram realizadas, na tentativa de analisarmos a fala das crianças no que diz respeito a vivência da cor da pele - tendo em vista as múltiplas significações constituídas sobre os diferentes aspectos que envolvem o tema (aspectos físicos, psíquicos, sociais e históricos).

Assim, no encontro em que as crianças trabalharam com as revistas, todas elas foram exploradas pelo grupo, e vários comentários foram feitos. Percebemos, no entanto, que a maioria deles foram direcionados à revista "Raça".

Logo no início da atividade, as crianças começaram a observar o material fazendo comentários bastante sutis sobre produtos de beleza ou simplesmente descrevendo o que viam. Com o passar do tempo, entretanto, principalmente as crianças negras começaram a demonstrar incômodos em lidar com as fotos observadas, o que posteriormente foi sendo transformado em movimentos que pareciam estar relacionados a raiva, excitação e angústia, até chegar ao ponto em que o grupo terminou configurando um momento em que parecia ter atingido "um ápice emocional": as modelos negras passaram a ser duramente desqualificadas, as revistas manipuladas com agressividade e as crianças demonstravam estar muito "bravas" com o que viam. Pelo que pudemos perceber, as significações foram sendo produzidas durante o movimento do grupo e iniciadas pelos comentários de algumas crianças, que logo tiveram a adesão das outras. Desta forma, certas posições foram sendo, naquele momento, definidas, até chegar ao ponto em que as crianças negras eram as únicas "vozes" que se mostravam no grupo, enquanto as brancas permaneciam caladas.

A partir das falas do grupo, pudemos perceber que as modelos negras que apareciam nas revistas eram vistas predominantemente sob a ótica da leviandade e promiscuidade, chegando a causar desconforto e incômodo nas crianças que as viam. Em muitos momentos, pareciam constituir sobre a sensualidade destas mesmas modelos significações também relacionadas a tais adjetivações. O grupo demonstrou bastante agressividade com relação ao que via, apresentando muitas críticas relacionadas a sentimentos de negação, repúdio, não aceitação e desqualificação do corpo negro, apresentado como sensual, sexual, erótico na revista Raça.

Isto nos leva a pensar que historicamente foram constituídos discursos que atribuem ao corpo negro características relacionadas à erotização, sensualidade, sexualidade, musicalidade, força, desempenho sexual, etc. mas, pelo que nos foi possível perceber, as crianças negras não experienciavam tais significados sociais e históricos.

Ao contrário, parecem não serem constituídos sentimentos prazerosos sobre seus corpos, e conseqüentemente sobre elas mesmas, mas sim sentimentos relacionados à dor por possuírem características físicas e origem étnicas que são discriminadas socialmente.

Em muitos momentos dos encontros, pudemos notar que as crianças agiam na tentativa de suprimir, repudiar as marcas do corpo que lhes eram discriminadas, violentadas socialmente e, portanto, propiciadoras de dor, e ao fazer isto tentavam também suprimir sua origem histórica e subjetividade negra. Há

indícios de que tal "espaço" de supressão fora, em muitas ocasiões, preenchido com significados ideológicos que apontam para a crença na homogeneização, igualdade social e na valorização do ideal-tipo branco.

Possuir tonalidades de pele mais claras parecia ser experienciado como algo que possibilitaria a libertação de situações de discriminação, ofensa, humilhação e violência a seu corpo.

Quando o desfile foi realizado, todas as crianças demonstraram muito interesse e prazer em sua execução, embora com papéis diferenciados. Desta forma, determinadas crianças eram responsáveis pela realização da maquiagem, outras dos penteados, algumas preferiam arrumar-se sozinhas, e assim sucessivamente.

Percebemos que as crianças negras envolveram-se mais intensamente com as atividades, desde sua preparação até o momento da apresentação. Na ocasião do desfile, experimentaram várias tonalidades de maquiagens, de modo que pareciam estar também se experimentando diante da possibilidade de "se apresentar". Desta forma, foram utilizados batons vermelhos, e depois retirados, rosa-claro que também foi trocado posteriormente por outra tonalidade, sombras coloridas, lápis, etc. De modo que ao final, para a apresentação, todas as crianças negras terminaram usando maquiagens de tonalidades escuras. Ao desfilar e ao dançar, traziam e demonstravam muita sensualidade, erotismo e desenvoltura, assumindo de maneira bastante apropriada as posturas e os modos de desempenhar tais atividades de acordo com os rituais, os *scripts* divulgados pela mídia.

Assim, notamos que, neste encontro, as crianças negras ocuparam um lugar de destaque muito maior que as crianças brancas. Estas, durante o desfile, utilizaram maquiagens em tons claros, não dançaram ou escolheram filmar a atividade, ficando, desta forma, fora da "cena" construída. Quando desfilando, realizaram a atividade rapidamente, demonstrando vergonha em se apresentar. Ao que parecia, as crianças negras se permitiram assumir e experienciar sua sensualidade e erotização, e estes lugares foram vivenciados com muita exuberância. Enquanto isto, as crianças brancas se recolheram, aparentando se sentirem desconfortáveis em ocupar uma posição de destaque.

O desfile de modas foi gravado em vídeo pela pesquisadora e mostrado às crianças no encontro seguinte. Para surpresa da pesquisadora, as crianças permaneceram durante a maior parte do tempo alheias à atividade proposta, agredindo-se física e moralmente e até mesmo pedindo que a transmissão da filmagem fosse interrompida. Tais fatos nunca haviam acontecido antes.

Ao apresentarmos às crianças a filmagem do concurso de dança e do desfile, lançamos a possibilidade de elas se assistirem, não meramente como telespectadoras, mas como "personagens", para poderem se observar e avaliar atuando, dramatizando uma situação. Desta forma, a situação apresentada proporcionava a elas verem-se realizando atividades que haviam sido criticadas e desqualificadas anteriormente. Naquele momento, enxergaram-se apresentando-se da mesma forma que as modelos negras das revistas de moda: com maquiagens escuras, de forma sensual, erotizada, desenvolta. E mais do que isto: enxergaram-se sentindo prazer ao experienciarem-se desta forma. Isso nos leva a pôr em destaque os modos de internalização dos valores, os desejos socialmente construídos, os lugares sociais ocupados pelos sujeitos, os sujeitos que experienciam valores contraditórios.

Ao que parecia, o ver-se, o enxergar-se que leva à reflexividade, tornava-se um espaço de estranhamento, desconforto, sofrimento e contradição para as crianças negras. As significações constituídas sobre si revelam as marcas culturais vivenciadas no corpo e na alma.

Para finalizar, dentre o que nos foi possível perceber, as crianças negras que participaram da pesquisa nos mostraram experienciarem sentimentos e desejos contraditórios a respeito de

sua cor, uma vez que ao mesmo tempo em que sofriam por serem discriminadas (desejando não serem negras, "depilarem-se" para se tornarem brancas, etc.) apresentavam as marcas da discriminação em seus discursos. Estas crianças demonstravam vivenciarem situações por meio das quais se sentiam violentadas, ao mesmo tempo que participavam desse movimento agredindo-se mutuamente. Mas a questão não terminava por aí. Como afirma Costa (*in* Souza, 1983), a ideologia da cor representa somente uma superfície de uma ideologia mais daninha: a ideologia do corpo. Desta forma, os momentos de repúdio à cor convertiam-se em momentos de repúdio ao próprio corpo. O corpo passava então a ser vivenciado e sentido como fonte de descontentamento, desqualificação, menosprezo e perseguição. As características étnicas negras tornavam-se, desta forma, fonte de sofrimento, uma vez que eram discriminadas socialmente e pelas próprias crianças negras. Segundo Auglagner (*in* Souza, 1983p. 6.), "*o futuro identificatório do sujeito depende da possibilidade de inocentar o corpo. Um corpo que não consegue ser absolvido do sofrimento que infringe o sujeito torna-se um corpo perseguidor, odiado, visto como fonte permanente de ameaça de morte e dor*".

A questão do corpo, por sua vez, convertia-se em uma questão da "alma". O não sentir e experienciar prazer com relação ao próprio corpo configurava-se em sofrimento psíquico pelas grandes dificuldades em experienciar positivamente alguns aspectos constitutivos da subjetividade, sendo a cor da pele um destes aspectos. Podemos dizer ainda que se encontrava aí caracterizada uma situação de sofrimento não somente psíquico, mas "ético-político".

Um ponto que ressaltaremos novamente dada sua importância, refere-se aos momentos em que percebemos, que as relações estabelecidas no grupo foram constituindo modos de participação em que as crianças negras destacavam-se e sobressaíam-se de forma mais intensa que as crianças brancas. Ao que parece, este grupo foi constituindo lugares e modos de participação de maneira que foi dada "voz" às crianças negras. Podemos afirmar, então, que a relação dialética constituída entre exclusão/ inclusão social também é social e histórica, podendo, portanto, transformar-se dependendo das condições materiais vivenciadas. Assim, afirmamos que a constituição dos potenciais de ação, participação, prazer e bem-estar social encontra-se relacionada às condições experienciadas e as significações configuradas a partir de tais vivências.

As crianças negras nos mostraram o quanto a vivência da cor da pele constituída pelas e nas tramas sociais (re)produz lugares e posicionamentos sociais é sentida "por dentro", no âmago e é configurada em uma forma de sofrimento que denominamos aqui como "ético político". Ao mesmo tempo, a maneira como as crianças do grupo foram constituindo, durante o processo de pesquisa, suas participações, lugares, falas e significações parece nos convidar a refletir não somente sobre seus significados e sentidos, mas também sobre nossas práticas e intervenções. Somos chamados a pensar, a partir do que estas crianças nos dizem, sobre os posicionamentos e lugares que (re)produzimos na interação com elas e sobre a maneira como (re)produzimos socialmente significações excludentes sem perceber o que acontece quando elas passam a ocorrer internamente.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, J. F. *in* SOUZA, N. S. (1983). *Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Graal.
- REY, F. G. (2003). - *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thompson Learning.
- SOUZA, N. S. (1983). *Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Graal.